

# Fonte Criativa ou o Fim da Linha?

**William Barter**

Em Dezembro de 2009, eu voltei de uma temporada no Rio de Janeiro que, por muitos motivos, tinha sido uma experiência rica de aprendizados.

Eu disse pra mim mesmo: não quero mais trabalhar com marketing!

Por mais que amasse o meu trabalho, e continuo com o sentimento, naquela época, despertou em mim algo meio instintivo, como se o próprio futuro da profissão estivesse comprometido.

A tecnologia estava tomando conta de todas as camadas criativas, agilizando processos e tornando tudo extremamente “fácil”.

Lembro que, em 1997, para eu produzir um jornal de 12 páginas corporativo (e fiz muitos!), eu demorava quase 20 dias: reunir materiais, escrever os textos, selecionar fotos, editar fotos, montar a boneca (manuscrito ou modelo em papel) para o cliente aprovar; depois disso, era a fase dos famosos fotolitos, ou seja, as matrizes que eu levava para a gráfica; uma vez prontos, a gráfica imprimia os 2 mil exemplares.

Até o jornal sair do rascunho e chegar às mãos do leitor, ele fazia uma longa e, às vezes, dolorida jornada.

Doze anos depois, as poucas empresas que ainda faziam jornais, usavam métodos muito menos ortodoxos para finalizar suas peças, com agilidade, eliminando etapas, pessoal e custos.

A tecnologia tinha chegado para transformar a nossa percepção de tempo e espaço.

A informação continuava circulando, mas, agora, de uma forma muito mais fluida.

Eu não precisava mais sair do meu escritório para lidar com nenhuma das fases de produção de um jornal, ou mesmo de outras peças publicitárias.

Só os vídeos que ainda exigiam esforço extra, pois geravam arquivos imensos, que demoravam muito para serem transmitidos online.

O que mudaria totalmente, em um intervalo pequeno de tempo.

Assim que cheguei de volta a Minas, eu coloquei como meta não mais trabalhar COM a criatividade, mas PARA ela.

Até então, o ato criativo tinha sido apenas uma ferramenta para conseguir pagar boletos.

Era divertido sim; com muitas camadas lúdicas, comerciais e de aprendizado, mas ainda era algo mecânico, seguindo regras para atingir objetivos.

Mesmo considerando isso ainda muito importante, acredito também que um ser humano saudável, com a sua saúde física e mental em dia, pede, de forma explícita, experiências de deslumbramento diante da surpresa.

O que soa meio piegas ou até simplório.

A questão é que, somos tão viciados em “surpresas” que inventamos redes sociais digitais para nos dopar com enxurradas de micro novidades por segundo, rolando *feeds* de notícias infinitos.

O que está acontecendo?!

Naquela época, eu me percebia doente, de alguma forma, mesmo inconscientemente.

Haviam vozes (nada espiritual) me dizendo que o futuro seria sombrio, e que a criatividade que eu conhecia não poderia me ajudar muito.

Meti a cara em livros e mergulhei em cursos; consultei o máximo de fontes online e pessoas que pudessem me mostrar caminhos possíveis, talvez algum mapa, por mais simples que fosse.

A literatura nacional não tinha muita coisa, e ainda se mostra meio frágil no que diz respeito ao pensamento criativo, pelo menos do ponto de vista científico.

Precisei importar muitas obras.

Tentei a Academia, mas até universidades federais ainda estão superficiais sobre o tema.

Prova disso foi o mestrado que meu amigo Felipe Zamana foi “obrigado” a fazer, sozinho, por falta de gente interessada em criatividade, em plena Europa, no final da segunda década dos anos 2000.

Por volta de 2010 e nos próximos anos, comecei a prestar atenção nos relatórios do *World Economic Forum*, sobre o futuro do trabalho, onde elencam as habilidades mais importantes para o futuro.

Desde as primeiras versões do relatório, criatividade e temas relacionados povoam as listas.

Isso me acendeu uma luz imensa e, desde então, venho trabalhando para conseguir entender como funciona ou como se comporta a minha criatividade: de onde vem, como é influenciada, e se é possível alterar a sua configuração.

E, o mais importante, se eu poderia ajudar outras pessoas com isso.

Com o passar dos anos, as ideias foram surgindo.

Desafios imensos se colocaram diante de mim; com perguntas cada vez mais complicadas.

Com o passar do tempo, o esqueleto da ferramenta que hoje uso para oferecer consultoria para profissionais independentes e empresas começou a surgir.

Quais habilidades desenham o perfil criativo das pessoas?

Como essas habilidades se comportam?

Como interagem?

Podem elas interagir? Devem?

Existe mais de 1 tipo de perfil criativo para gerar inovação?

Nossas habilidades são plásticas, ou seja, podemos “mexer” em suas estruturas?

Como é construída a nossa jornada criativa?

O quanto nossas emoções estão envolvidas com o nosso processo criativo?

Como a nossa jornada pessoal interfere na qualidade da inovação que geramos?

Enfim, são praticamente infinitas as possibilidades de questionamento.

Nesse intervalo, lancei livros, dei palestras e cursos, publiquei centenas de artigos, inclusive no *MIT Technology Review Brasil* e *Fast Company Brasil*, e, por causa disso, conheci muita, muita, mas, muuuuuuuta gente realmente incrível! Não posso deixar de mencionar a criação da minha “escola de criatividade”, o CrieActive+ Podcast que deu um verdadeiro Boooooommm no meu trabalho!

Em 2020, já em plena pandemia, os novos relatórios começaram a revelar uma mistura que seria o catalisador do cenário que ora vivemos, em pleno desespero por respostas úteis.

A criatividade e suas habilidades afins, agora dividem o palco com a tecnologia.

O futuro digital, de uma vez por todas, assume o cenário e começa a ditar o jogo e distribuir as cartas.

Nessa hora, eu entrei em pânico.

Meu sonho era me ver livre da tecnologia ou, pelo menos, diminuir a sua influência direta no meu trabalho.

- Sabe de nada, inocente!

O mundo ficou de pernas para o ar, a partir de 2020, por muitos motivos.

Houve perdas drásticas e fatais, que afetaram a mente e o coração de todos nós, alterando a forma como vivemos.

Pode parecer que a vida voltou “ao normal”, mas isso não é verdade.

Se você acha que a vida é a mesma de antes, lamento, mas você precisa de ajuda.

O mundo está totalmente reconfigurado.

A maior parte das ideias que dominavam a vida até antes de 2020 foram

desinstaladas, dando lugar a novos aplicativos emocionais, dos quais ainda não aprendemos como funcionam.

Agora, com um cenário praticamente 100% digital, torna-se impossível viver, aprender e interagir sem usar mecanismos eletrônicos.

Com a chegada retumbante das tecnologias baseadas em IA, o cenário muda bastante, mas a exigência no aprofundamento na criatividade humana é cada vez mais certo e inevitável.

Os empregadores pesquisados disseram que 44% das habilidades essenciais necessárias para o trabalho mudarão nos próximos cinco anos. Nesse período, habilidades como “IA e big data” e “liderança e influência social” surgirão como habilidades de alta demanda.

Diante desse imenso desafio, eu precisava terminar a minha Ferramenta.

Ela precisava me dizer como as pessoas pensavam e agiam criativamente.

No meio da jornada, eu percebi que cada pessoa tem o seu próprio jeito de ser, quando se trata de ter ideias e colocá-las em ação.

Por esse motivo, o Mapa OMNNI precisava entender o perfil de raciocínio das pessoas, mesmo que não houvesse um rótulo definitivo, pois a gente aprende e redesenha a forma de pensar de acordo com o volume de experiências e as novas decisões que tomamos ao longo da viagem pela vida.

Nossas habilidades, perfis e estilos em criatividade para gerar inovação são plásticos.

E que bom!

Beta em Tiradentes

Em agosto de 2022, lancei a versão Beta no HUB de Inovação do Senac Minas, em Tiradentes, em um evento fantástico.

Colocamos um grande grupo de alunos, de diferentes origens, para interagir, de acordo com os seus respectivos Perfis de Inovação.

Foi incrível ver a inicial timidez se transformar em alegria pura, com redatores de cinema, atrizes e diretores surgirem assim, “do nada”, para criarem uma

peça criativa, no desafio final, que era reescrever e redublar um trecho do filme Ratatouille.

Com os papéis definidos de acordo com cada perfil, foi possível organizar o senso de liderança e o clima de compartilhamento.

Foi inesquecível.

Um agradecimento especial à querida amiga Carolina Trindade pelo convite!

Depois desse evento, voltamos ao laboratório para correções, ajustes e ampliação de alcance do Mapa, pois o lançamento extra-oficial nos permitiu visualizar oportunidades valiosas.

Enquanto isso, eu tive uma ideia que poderia mudar tudo.

Expansão da Inovação Colaborativa

Inovar nunca foi apenas sobre criar algo novo.

É sobre encontrar conexões inesperadas, olhar o mundo por diferentes ângulos e colaborar com mentes diversas.

Quando comecei o *Creative+*, meu podcast focado em inovação colaborativa, eu estava em busca de algo mais profundo do que tendências de mercado ou dicas práticas de criatividade.

Queria entender como as ideias nascem e se transformam em soluções reais que impactam o mundo, e isso só seria possível conversando com pessoas que vivem esse processo, dentro e fora do Brasil.

O *Creative+* foi uma espécie de ponto de virada para mim.

Através dele, descobri que inovar não é algo que acontece isoladamente em um escritório ou laboratório.

As conversas que tive com especialistas de diferentes áreas, desde empreendedores a líderes sociais e criativos de diversas indústrias, mostraram que a inovação mais rica surge da colaboração.

São essas interações, muitas vezes informais, que constroem a base para ideias mais orgânicas e sustentáveis.

Além disso, o podcast me permitiu expandir a minha rede de contatos, conectando-me com profissionais de várias partes do mundo.

Cada episódio era uma nova janela para outras formas de pensar, para outros desafios e soluções.

E, de forma quase natural, comecei a ver o poder das redes – tanto as físicas quanto as digitais – na construção de soluções colaborativas.

Pessoas se unindo para resolver problemas de maneira ágil, criativa e

adaptativa, aproveitando o que cada um tem de melhor a oferecer.

Esse movimento contínuo de aprender com outras pessoas, de diversas culturas e contextos, ampliou profundamente minha visão sobre o que realmente significa inovar.

Inovar não é apenas sobre a criação de um produto ou uma nova tecnologia, mas sobre a capacidade de conectar diferentes experiências e perspectivas para construir algo maior e mais orgânico.

A inovação colaborativa é, na verdade, uma maneira de construir ecossistemas criativos, onde o diálogo é constante e a evolução acontece de forma natural.

O *Creative+* se tornou não só uma plataforma de aprendizado, mas um espaço para explorar como as redes de pessoas podem gerar *insights* e soluções que jamais seriam alcançadas individualmente.

E isso me mostrou que a verdadeira inovação é coletiva—é quando nos permitimos colaborar que encontramos as respostas mais poderosas e transformadoras.

## **Agora, em 2024, estamos prontos para encarar o mundo e dar um Boom nas suas habilidades criativas e na sua incrível capacidade de gerar inovação.**

Essa é uma breve história das minhas aventuras mais recentes.

Mais de 30 anos de carreira criativa, e, agora com os últimos 10 mergulhado na ciência da criatividade, me sinto feliz e realizado, vendo gente do Brasil e do mundo viver suas melhores experiências com essas Ferramentas que deram muito trabalho, mas geram um orgulho imenso.

Vivi crises homéricas nessa jornada, principalmente durante a pandemia, pois imaginei que não daria conta de superar os desafios.

Lamento COVID, e lamento muito “fantasmas emocionais”, vocês me atormentaram profundamente, porém, quanto mais a corda apertava mais eu percebia que o futuro tinha um lugar reservado pra mim, e, principalmente, para aquelas pessoas com quem eu viveria aventuras incríveis.

O medo pode ser o vilão ou um herói.

No meu caso, eu escolhi a segunda opção!

## William Barter

Sou um entusiasta incurável da Educação Criativa e de como ela influencia a forma como moldamos nossos futuros. Desde 2012, após 20 anos como consultor de marketing, me dedico a pesquisar a Inovação Criativa pela ótica da Biomimética, entendendo o Design de Inovação Orgânica que a Natureza emprega para evoluir, revolucionando assim a vida das pessoas e o futuro das empresas. Nos últimos 5 anos, me especializei como Designer de Inovação e Polinizador de Ideias, conceito que cunhei para denotar a capacidade de usar *insights* e fragmentos de ideias para criar processos mais complexos. Em 2022, em meio à pandemia, lancei o Podcast CrieAtive+. Me divirto com meus convidados, explorando o universo da inovação criativa, discutindo empreendedorismo, a revolução da IA e, principalmente, o papel da educação na criação de futuros possíveis. Publiquei artigos na MIT Technology Review Brasil, DDI Data Driven Investor, portal UoD e Fast Company Brasil. Sou autor de livros como 'Creativity: In Search of Meaning for the Act of Creating', que estão disponíveis na Amazon. Além disso, desenvolvo a estrutura BioFLUX 5X, usando dados para criar ecossistemas de inovação colaborativa em empresas e escolas. Combino o mapeamento de habilidades criativas com perfis de inovação de equipes equalizadoras.

Lattes <http://lattes.cnpq.br/0009861137595859>

ORCID iD: 0009-0000-3454-0257